



ECONOMIA SOLIDÁRIA DESDE PEQUENO
parceria entre a Incubadora de Empreendimentos Solidários e
Colégio Marista Pio XII

IX Congresso Internacional Rulescoop
*Resposta de la Universidad a las necesidades de la economía social ante los
desafíos del mercado*

Francisco Salau Brasil
IESol
Bolsista Extensão CNPq

Méris Nelita Fauth Bertin
Marista Pio XII
Professora

Camila Silva Eidam
IESol
Bolsista Extensão CNPq

Camila Sopko
IESol
Voluntária

RESUMEN

A Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESol) tem como principal atividade o trabalho de incubação junto aos empreendimentos econômicos solidários (ees), sejam eles da cidade de Ponta Grossa ou de municípios da região. No entanto, outra ação de extrema importância desempenhada ao longo de seus 10 anos de existência é a formação em economia solidária para os mais diversos públicos, tendo em vista que a temática ainda é desconhecida por boa parte da população. Neste sentido, a IESol já realizou diversos cursos, palestras e seminários voltados à comunidade em geral. De forma a ampliar o público alcançado, a IESol fez uma parceria com uma professora de história do colégio Marista Pio XII para levar às crianças do ensino fundamental (6º, 7º e 8º ano) conteúdos referentes à economia solidária. Este artigo tem como objetivo descrever e compartilhar a experiência desta parceria no ano de 2014, que contou com diversas dinâmicas diferentes, de acordo com a faixa etária trabalhada. A parceria teve diversos resultados positivos, com ações planejadas para o ano de 2015.

PALABRAS CLAVE

economia solidária, educação, IESol, Marista, jogo solidário

ÍNDICE

1. Introdução
2. Economia solidária
3. IESol
4. Trabalho realizado no colégio marista
 - 4.1 Dinâmica do rock
 - 4.2 Solidariedade x caridade
 - 4.3 A primeira cooperativa de owen
5. Considerações finais

1. INTRODUÇÃO

A Universidade Estadual de Ponta Grossa, por meio da IESol (Incubadora de Empreendimento Solidários) – programa de extensão criado em 2005 – vêm trabalhando na região dos Campos Gerais na perspectiva da economia solidária, e desde então vem acumulando um lastro nas áreas de extensão, da pesquisa e do ensino.

Neste sentido, a IESol vem provendo uma série de cursos e eventos com o intuito de apresentar os principais fundamentos da economia solidária e relatar algumas experiências práticas, em especial, as desenvolvidas pela própria incubadora.

A economia solidária vem gradativamente ampliando as suas discussões em diferentes espaços, dada essa realidade a partir de uma parceria com o colégio Marista e a Incubadora de Empreendimentos Solidários- IESol estabeleceram contato e parceria, afim de levar essa discussão ao um grupo de alunos com a faixa etária média de 11 a 14 anos, que estavam cursando as sexta, sétima e oitava séries do ensino fundamental. O presente trabalho tem como objetivo descrever, além de fazer uma breve análise, sobre as atividades realizadas no ano de 2014 no colégio Marista Pio XII.

Assim, a primeira parte após a introdução fará algumas breves considerações sobre economia solidária para então se comentar sobre a IESol. A seguir serão relatadas as atividades realizadas no colégio Marista Pio XII e por fim, as considerações finais.

2. ECONOMIA SOLIDÁRIA

O estágio em que se encontra atualmente a economia solidária, com todos seus avanços, revezes e desafios, provém de realizações e esforços de um processo histórico que aglutinou vários sujeitos, anônimos em sua imensa maioria, e que possivelmente não tinham certezas quanto ao resultado de suas empreitadas. Podemos aferir que a economia solidária é a concretização de um processo latente que se manteve assim desde o declínio da experiência cooperativista do socialismo utópico, para irromper novamente, após tanto tempo incubado, nas últimas décadas do século XX no Brasil. Nada garante, por seu turno, que este é seu desfecho.

A expressão “economia solidária” causou algum desconforto inicial, pois de acordo com alguns críticos é formada pela união de dois conceitos que se repelem, constituindo-se, portanto, como um oxímoro. A aliança dos dois conceitos é assim justificada por Razeto (2009, p.1):

...unidas numa mesma expressão economia e solidariedade aparece, então, como um chamado a um processo intelectual complexo que deveria desenvolver-se paralela e convergentemente em duas direções: de um lado, trata-se de desenvolver um processo interno ao discurso ético e axiológico, pelo qual recuperar-se-á a economia com espaço de realização e atuação dos valores e forças da solidariedade; do outro, de desenvolver um processo interno à ciência da economia que possa abrir espaços de reconhecimento e atuação à idéia e ao valor da solidariedade.

“A Economia solidária é um termo recente, surgido em meio às crises enfrentadas no final do século XX, mas que remonta à experiências de séculos passados” (BRASIL; BRASIL, 2010). Esta apresenta-se como uma nova forma de organizar as relações da sociedade, propondo valores e princípios antagônicos aos hegemônicos atualmente.

No seio do capitalismo, na prática desta Economia não há nada de natural, pois exige que as pessoas que nasceram neste contexto sejam reeducadas. Ou seja, deve haver o rompimento com os paradigmas impostos pelo capitalismo, e ser adotado uma nova cultura que aborde novas formas de relações, pautadas na ideia de solidariedade, igualdade e autogestão entre os envolvidos. Diante disso, a pedagogia da Economia Solidária requer a criação de situações em que a reciprocidade surge espontaneamente.

Podemos afirmar ainda, que a economia solidária é meio de um contexto social que propõe a igualdade de condições e o direito à diferença. Igualdade de condições que elimina a sociedade hierárquica, propondo uma sociedade marcada por relações democráticas, onde as diferenças entre os indivíduos possam acontecer sem gerar desigualdades (KRUPPA, 2005)

3. IESOL

A Incubadora de Empreendimentos Solidários - IESOL é um programa de extensão da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, vinculado a Pró Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais - PROEX. Criado em setembro do ano de 2005, com intuito de fomentar, articular, organizar e consolidar empreendimentos solidários, promovendo nos grupos de trabalhadores incubados os princípios da Economia Solidária. Sendo seus objetivos principais a autogestão, a geração de trabalho e renda, a organização baseada no associativismo e cooperativismo e a sustentabilidade ambiental dos empreendimentos. Além disso, busca-se a integração destes princípios e objetivos às políticas públicas de desenvolvimento local, regional e de segurança alimentar.

O programa visa em suas atividades abrigar experiências associativas de geração de trabalho e renda, além de promover ações relacionadas ao ensino, pesquisa e extensão, tripé mater da UEPG, desenvolvendo a formação humana e profissional de estudantes de graduação, pós-graduação, egressos e voluntários, no essencial diálogo entre universidade e comunidade.

Assim, este programa é fruto de um debate coletivo a respeito da importância da universidade assumir seu papel na sociedade, especificamente de contribuir para o enfrentamento do problema do desemprego e do trabalho precário na cidade de Ponta Grossa e Região dos Campos Gerais.

A trajetória da IESol tem sido pela busca de sedimentar e ampliar sua atuação. Para tanto, se constitui de equipes de trabalho que são formadas por professores/as, funcionários/as, estagiários/as, bolsistas e voluntários/as.

Sob a ótica dos pressupostos e os princípios descritos anteriormente, temos a tarefa e o desafio de propagar esta nova forma de economia. Foi assim que se abriu uma porta de oportunidade para divulgar a Economia Solidária no Colégio Marista PIO XII de Ponta Grossa, PR, através de uma parceria firmada com a Professora de História (nome) que buscava introduzir esta prática no conteúdos dos alunos da 6ª, 7ª e 8ª séries.

4. TRABALHO REALIZADO NO COLÉGIO MARISTA

A construção do conhecimento em sala de aula não é algo simples e quando se leva em conta as ciências humanas, em particular a história, há de se pensar nas várias condições que alunos e professor devem desenvolver. Defende-se que o professor não deve ser um mero reproduzidor e transmissor de conhecimentos, que deve dominar os conteúdos ministrados, mas também saber lidar com a disciplina e dosar aulas expositivas, com pesquisa e produção de conhecimento, experimentar e ousar novas práticas.

Pensando nisto tudo e sendo natural que os alunos tragam algumas informações sobre o seu cotidiano – como, por exemplo, a frequente ida ao shopping, o prazer que sentem ao comprarem e o quanto se cansam rapidamente de um brinquedo novo –, que a parceria entre a IESol (Incubadora de Empreendimentos Solidários da UEPG) e uma professora do Colégio Marista Pio XII começou a ser desenhada. No ano de 2014 foram realizados três encontros nos sextos, sétimos e oitavos anos (um em cada um deles), perfazendo um total de seis turmas e aproximadamente 180 alunos.

As atividades do sexto ano (dinâmica do rock) e oitavo (a primeira cooperativa de owen) foram baseadas na obra “Sinfín de Principios: Propuestas para la educación en la escuela”. Segue abaixo os relatos das oficinas desenvolvidas.

4.1 Dinâmica do Rock

Esta foi a segunda atividade no ano com as duas turmas do sexto do colégio Marista Pio XII. No primeiro encontro, realizado no primeiro semestre, foi feita uma fala sobre consumismo e depois uma feira de trocas. A atividade deste dia buscou trabalhar sobre os processos de tomada de decisão dentro da economia solidária. Em cada uma das turmas foi feito o seguinte:

Os alunos foram separados em 03 grupos (cerca de 12 pessoas cada). Cada grupo será uma banda de rock, mas nenhuma delas tem nome definido. Elas foram separadas nos cantos da sala e cada uma delas recebeu uma instrução específica:

- Banda 01: Foi sorteado entre os vários integrantes quais instrumentos eles iriam tocar na banda. Perguntou-se quem era o baterista e, uma vez identificado, foi comunicado a todos os integrantes que o baterista seria responsável por decidir, sozinho, o nome da banda. Ou seja, os demais membros não poderiam dar sua opinião sobre o assunto;
- Banda 02: Da mesma forma que a banda anterior, foi sorteado entre os vários integrantes quais instrumentos cada um iria tocar. Neste caso, o baixista ficou responsável por escolher sozinho 04 nomes e então comunicar ao resto da banda. Os membros da banda então puderam votar nas 4 opções definidas pelo baixista;
- Banda 03: Ao contrário das anteriores, não houve sorteio. Foi solicitado que todos os membros debatessem para em conjunto escolher o nome da banda.

Após cerca de 15 minutos, pedimos para os alunos voltarem a seus lugares para então começar a segunda etapa da atividade. Primeiro passo foi pedir que cada banda falasse seu nome e como este foi escolhido. Nas duas turmas trabalhadas, tanto o baterista da banda 01 quanto o baixista da banda 02 acabaram aceitando sugestões de alguns colegas. Não obstante, ainda houve diferença no processo de tomada de decisão com relação ao grupo 03. Por outro lado, pode-se observar na banda 3 que nem todos participaram.

A partir daí pudemos começar o debate com algumas perguntas: qual a diferença do processo de escolha de nome da sua banda com as outras demais equipes? Quais vocês preferem? Quais vocês menos gostam? Por que?

Outras situações podem contribuir na dinâmica. Em uma das turmas, uma menina reclamou que tinha sido sorteada como saxofonista, dizendo que não tem saxofone em banda de rock. Isto foi usado para ressaltar diferença entre a heterogestão, em que uma pessoa era dono da banda e assim tomava todas as decisões sozinho, e a autogestão, quando todos os integrantes eram sócios e assim todo mundo poderia dar sua opinião em cada aspecto da banda: as funções de cada um, que músicas e estilo tocar, shows, etc.

A partir desta situação fictícia da banda, pode-se dar diversos exemplos de como nas empresas capitalistas há sempre a figura do chefe, que pode tentar ser “bonzinho” (caso da banda 2), mas sempre acaba ditando os rumos do grupo.

4.2 Solidariedade x Caridade

No primeiro momento, uma técnica da IESol fez uma breve fala sobre caridade e perguntou aos alunos o que eles entendiam por caridade e solidariedade. Falas como “ajudar o próximo”, “dar comida a quem precisa”, “dar roupa a quem precisa” sobressairam.

Nesta oficina foi distribuído um texto criado pela equipe da incubadora “João e o dono da bola” (ver apêndice 01) onde contava a história de um menino que não foi solidário com os seus colegas em dividir a sua bola mas sua família praticava a caridade. Diante disso foi dividida a turma em 4 grupos onde dois deveriam encenar uma ação de caridade e os outros dois de solidariedade. Todavia todos eles encenaram ações de caridade, tais como ajudar um morador de rua, uma pessoa em situação de risco.

Na apresentação, os 08 grupos (4 de cada turma) retrataram a mesma situação: pessoas dando comida a mendigos com fome. Terminadas as dramatizações, foi feito um pequeno debate sobre o texto, comentando sobre a falta de solidariedade do João com seus amigos no primeiro parágrafo e seu gesto de caridade no segundo.

Posteriormente foi explicado a diferença entre cada tema onde a palavra “solidariedade”, ao contrário do que muitos pensam, não vem de “solidão”, mas, isso sim, de “solidez”, ou seja, daquilo que nos deixa íntegros, que impede o estilhaçamento da nossa humanidade compartilhante (KRUPPA, 2005). Na solidariedade não existe desigualdade e nem divisão de classes. Já a caridade consiste em uma pessoa com posição superior ajudar uma pessoa inferior.

E, assim como João, foi mencionado um suposto caso de um dono de empresa, um patrão, que faz caridade de vez em quando com seus funcionários

(pequenos brindes no fim de ano) mas que ao longo do ano inteiro paga um salário baixo, não paga os benefícios que o trabalhador tem direito, não permite que estes participem nos processos de tomada de decisão, etc.

Dentro da economia solidária, foi abordado a solidariedade que todos os trabalhadores de um empreendimento são solidários uns com os outros e com consumidores durante todo o processo de produção.

4.3 A Primeira Cooperativa de Owen

O tema abordado neste encontro foi cooperativas. Começou com uma pequena fala, sobre o início da revolução industrial, emprego de máquinas substituindo trabalho humano, gerando desemprego. A partir disso, abordou-se que, a partir da necessidade de sobreviver, começaram a surgir alternativas por parte dos trabalhadores. Uma delas é a formação de cooperativas.

Os alunos então foram divididos em 04 grupos. Cada aluno deveria ler os textos “A Primeira Cooperativa” (apêndice 2) e “Robert Owen” (apêndice 03) e foi pedido para após essa leitura, os grupos fizessem uma dramatização a partir da seguinte provocação: o que vocês fariam caso estivessem desempregados e sem perspectiva de arranjar emprego?

Os alunos buscaram usar a criatividade e alguns grupos se destacaram em buscar a encenação de adquirir e vender produtos de época por um preço justo; realizar atividades artísticas em semáforos, entre outras que induziram os mesmos a refletir sobre as novas possibilidades de organização de trabalho frente ao capitalismo, proporcionando um bom debate sobre diversos temas como desemprego, cooperativismo, exploração do trabalhador e bolsa família.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apresentação da economia solidária e a sua nova forma de organização social estabelecida partir de seus princípios, propiciou o primeiro passo para a introdução de novos valores no cotidiano das crianças e adolescentes que participaram das atividades.

A metodologia das oficinas foi pensada e adaptada de acordo com a faixa etária (11-14) dos participantes, buscando através de atividades mais lúdicas apresentar a economia solidária de forma prazerosa para os mesmos. Além disso, a equipe visava ter o cuidado em não uniformizar procedimentos indistintamente.

Sabemos que o público trabalhado sofre uma forte influência negativa, advindos dos valores do sistema social vigente, que busca através de seus meios induzi-los ao consumismo, competição, etc. E com isso, acabam desconsiderando prática da solidariedade e cooperação e tendem a acreditar que felicidade é sinônimo de consumo.

Sendo assim, através destas ações realizadas muitas crianças e adolescentes puderam refletir e debater acerca do mundo do trabalho, do consumismo, das questões ambientais, entre outros, permitindo o questionamento crítico de muitas temáticas até então analisadas superficialmente.

Por fim, acreditamos que uma semente de solidariedade e coletividade foi lançada e, a partir das falas das crianças que desejavam a continuação das atividades pudemos notar que nossos objetivos foram contemplados.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, M. S; BRASIL, F. S; CLUBE DE TROCAS: uma experiência prática de economia solidária. 2010. Disponível em: <<http://www.uepg.br/proex/anais/trabalhos/111.pdf>>. Acesso em 09 de junho de 2015.

KRUPPA, Sonia M. *Economia solidária e educação de jovens e adultos Brasília*: Inep, 2005. 104p.

RAZETO, L.M. Os caminhos da economia de solidariedade. 2009. Disponível em: <<http://www.luisrazeto.net/content/os-caminhos-da-economia-de-solidariedade>> Acesso em 10 mar 2011.

Apêndice 01 - Texto “João e o dono da bola”

Um grupo de vizinhos estava jogando futebol, quando a mãe de João chamou-o para tomar banho e sair. Com sua saída o jogo foi finalizado, pois João era o dono da bola e ele a recolheu para levá-la para casa. Seus pais trabalham bastante para poder garantir ao filho uma boa qualidade de vida e conseguir comprar algumas coisas como skate, a bola de futebol, um celular moderno, um tablet, além de roupas e livros.

O motivo para a saída de João era comemorar, junto com sua família, as boas notas do boletim. No caminho para o restaurante, encontraram uma família que pedia dinheiro nas ruas e João, mesmo sendo ainda uma criança, perguntou para sua mãe por que existem pessoas que vivem naquela situação. A mãe disse que é necessário ajudar estas pessoas, e eles resolveram entregar o que sobrou da pizza para acabar com a fome daquelas pessoas, ao menos naquela noite.

Equipe da IESol/UEPG

Apêndice 02 - A primeira cooperativa

Até o século XVIII, na Inglaterra, se desenvolveu um conjunto de condições que favoreciam a industrialização: o descobrimento das colônias americanas e a expansão do comércio internacional originaram uma demanda cada vez maior de tecidos, os quais não eram produzidos nas colônias. Essa demanda foi suprida através do aumento da produção, graças à invenção de novas máquinas (entre elas o tear mecânico), dos quais nasceram às fábricas. Essas invenções funcionaram graças às fontes de energia, como a energia a vapor. Com as novas máquinas, o trabalho se realizava muito mais rápido, eram necessárias menos pessoas, porém se produzia mais. Todas essas mudanças logo foram chamadas de “Revolução Industrial”.

O que aconteceu com os tecedores? Suas grandes máquinas de tecelagens manuais foram substituídas por novas tecedoras industriais, que entrelaçavam automaticamente os fios. Portanto o trabalho dos tecedores já não era necessário. Era suficiente apenas uma pessoa que soubesse manusear a máquina. Isso beneficiou muito os donos das fábricas os quais com menos tempo e com menos empregados obtinham mais produtos e lucro.

Mesmo com seus benefícios, a Revolução Industrial travou também alguns problemas. Enquanto os donos das fábricas têxteis se enriqueciam, muitos trabalhadores, como os tecedores, ficavam sem trabalho e conseqüentemente sem dinheiro. Os que tinham trabalho suportavam condições muito duras como: passar doze horas diárias nas fábricas e receber salários miseráveis.

Alguns haviam se mudado dos campos para os bairros obreiros das cidades, o dinheiro não dava para ter uma casa digna, com segurança e conforto. Além disso, no campo era possível produzir seu próprio alimento, já nas cidades era necessário compra-los. O dinheiro que ganhavam não dava para muito.

Assim em Rochdale, um bairro de Manchester na Inglaterra, nasceu uma possível solução para a pobreza dos novos habitantes. Um grupo de obreiros têxteis se reuniu para discutir como resolver essa situação. Eram 27 homens e uma mulher, que apelaram para suas últimas economias, juntaram o dinheiro do grupo para as compras. Cada um deles colocou uma libra esterlina, assim conseguiram melhores preços para comprar mais coisas. Desta maneira nasceu a primeira cooperativa de consumo na história.

Referencia:

Gaivón, A. S. et al. *Sinfín de Principios: Propuestas para la educación en la escuela*. Rosario-Santa Fé, Argentina: Ediciones Idelcoop, 2009. p. 160-161.

Apêndice 03 - Robert Owen

Nasceu no País de Gales no dia 14 de maio de 1771 e morreu em 17 de novembro de 1858. Seu pai, com dois empregos, contava com o trabalho dos filhos para ajudar na renda familiar. Owen jogava futebol, corria, saltava, dançava, tocava clarinete, era bom aluno e gostava de ler. Com 9 anos saiu do Colégio para trabalhar no comércio, na Inglaterra. Trabalhou em lojas como atendente, depois como gerente e chegou a ser sócio de algumas empresas. Sua vida começou a mudar depois que conheceu New Lanark, um complexo têxtil localizado entre duas importantes cidades da Escócia: Edimburgo e Glasgow. Em 1800, Owen torna-se diretor de New Lanark e nos 25 anos que permaneceu neste local, promoveu muitas mudanças favoráveis para a vida dos trabalhadores...esta é uma história que vale a pena conhecer ... Owen também é conhecido por sua participação em outras experiências, como as Aldeias Cooperativas, o movimento sindicalista e o movimento cooperativista, com destaque para a Cooperativa de Rochdale, citada no texto. O grande objetivo de Robert Owen, pelo qual lutou toda a sua vida, era contribuir para a felicidade humana. Para isso, empenhou-se em melhorar as condições econômicas da população, além de propor um novo modelo de educação em que eram incentivados o espírito crítico, a curiosidade e a imaginação.

Equipe da IESol-UEPG